



A Reforma e a leitura da Bíblia

Jether Pereira Ramalho
(Org.)

PNV 153/154

A Reforma e a Leitura da Bíblia

Jether Pereira Ramalho (Org.)

2ª edição

São Leopoldo/RS



2016

© Centro de Estudos Bíblicos
Rua João Batista de Freitas, 558
B. Scharlau – Caixa Postal 1051
93121-970 – São Leopoldo/RS
Fone: (51) 3568-2560
Fax: (51) 3568-1113
vendas@cebi.org.br
www.cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 153/154

1ª edição: 2000

2ª edição: 2016

Título: A Reforma e a Leitura da Bíblia

Organizador: Jether Pereira Ramalho

Capa: Rodrigo Fagundes

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Revisão ortográfica: Nelson Kilpp

ISBN: 978-85-7733-257-1

Sumário

Apresentação.....	5
A Reforma Protestante e a Leitura da Bíblia	11
A tradição bíblica das igrejas da Reforma: uma leitura a partir de Martim Lutero	
<i>Martin N. Dreher</i>	13
A Reforma e a Bíblia	
<i>Manuel Bernardino Filho</i>	35
A leitura (reformada) da Bíblia: avaliação e desafios	
<i>Paulo Sérgio de Proença</i>	53
Releitura da Bíblia a partir da tradição evangélica.....	67
Sonhando a partir do exílio: releitura de Ezequiel 47.1-12	
<i>Elsa Tamez</i>	69
As coisas não vistas como o fundamento de nossas escolhas: A apresentação de Moisés em Hebreus 11.23-28	
<i>José Adriano Filho</i>	79
O Deus da graça e o Deus do mercado	
<i>Elsa Tamez</i>	89

Apresentação

O CEBI é Centro de Estudos Bíblicos ecumênico. Aqui nos reunimos, pessoas católicas e de tradição evangélica, para ler a Bíblia em conjunto. Algumas coisas naturalmente são suficientemente fortes para reunir-nos: a autoridade suprema da Palavra de Deus; a Bíblia como o testemunho privilegiado e normativo da experiência da Palavra; a certeza de que Deus opta radicalmente por quem é necessitado, pobre, oprimido, angustiado. Isto para nós é evidente no gesto libertador do Êxodo, na atuação e pregação de profetas e profetisas, na oração do povo de Deus (salmos e cânticos bíblicos), na vida e na morte de Jesus, e na atuação e nas palavras dos Apóstolos; finalmente, na vida de nosso povo assumida por nós como “lugar” de onde Deus julga esta sociedade e nos chama à obediência pela ação libertadora. Por isso, falamos de “leitura popular da Bíblia”, ou de “leitura a partir dos pobres”, ou de “leitura libertadora”. É isso que nos une, aliás algo radicalmente tradicional na Igreja. Pois, se no centro da vida cristã está a Cruz de Cristo, então no centro da Igreja tem de estar a *solidariedade* com todas as pessoas crucificadas neste mundo. É a essa solidariedade que a Vida nos chama com urgência. É aí que nos *re-unimos*, gente católica e gente evangélica, e essa mesma terminologia vai começando a incomodar-nos: toda a Igreja não tem de ser “católica”, não está enviada à *universalidade* do mundo? E toda a Igreja não tem de ser “evangélica”, firmada na Boa-Nova da Cruz e da Ressurreição, centro do Evangelho de Jesus? Que significa ser “católico” ou ser “evangélico”,

hoje, frente a um mundo pagão que nos desafia pelas mesmas razões? Qual o sentido que têm essas etiquetas, memória de divisões do passado, quando a vida presente de nosso povo tem todas as razões para nos unir? Não será que continuamos, estranhamente, a viver na divisão (não digo na *diferença*, pois essa é normal e saudável) por razões de outrem, de gente do passado, “vivos governados por mortos”? As necessidades do povo não nos perguntam por “confissões de fé”, mas por “soluções de fé”. Nossa missão comum não é proclamar o mesmo *Evangelho* a um mundo que necessita urgentemente sentir-se um só *universo (catolicidade)*?

Gente católica e gente protestante, toda essa gente de tantas cores, tanta diversidade, querendo formar aquela “*conspiratio testium*” de que gostava de falar Karl Barth. Sim, isto mesmo, o que queremos ser é “conspiração de testemunhas” contra o sistema perverso, excludente e assassino segundo o qual se organiza este mundo. Nessa encarnizada batalha, cada qual luta com as armas que tem. O que temos, na verdade, são nossos corpos “oferecidos em sacrifício vivo”, em testemunho de que não estamos “em conformidade com o sistema de organização deste mundo”. Queremos “transformar-nos desde nossos sentimentos e pensamentos mais profundos” (Rm 12,1-2). E nossos atos e palavras não são outra coisa senão pedaços de nossos corpos em sacrifício.

Este caderno quer ser mais um ato nesta longa e, quem sabe, interminável (cf. Hb 11) caminhada da *conspiração*. A leitura bíblica tem sido, na história, importante matriz (a profecia, por exemplo) e eficaz instrumento de “conspiração”: desde o cenáculo de Jerusalém, quando a comunidade já não se reunia em torno da ciência dos doutores, mas da “doutrina dos Apóstolos”; desde os cárceres de Éfeso ou de Roma, donde Paulo “conspirava” contra a “sabedoria e o poder deste mundo” e era parte daquela “gente que andava revolucionando o mundo inteiro”; desde a ilha de Patmos, donde o vidente nos descreve o indescritível horizonte da utopia de “novos

céus e nova terra”. É na visão desse mesmo horizonte que perseveramos, “loucura e escândalo” para o realismo de morte que motiva e alimenta os poderes assassinos deste sistema suicida. Sim, é isto mesmo, este caderno é mais um exercício de “conspiração”.

Na primeira parte, três artigos nos ajudam a refletir sobre “a Reforma Protestante e a leitura da Bíblia”. Na segunda, temos três exercícios de “releitura da Bíblia a partir da tradição evangélica”.

MARTIN DREHER, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, chama nossa atenção para Lutero e sua atividade de intérprete da Bíblia. Três coisas sobressaem como muito importantes: “a indefinição luterana em relação ao cânone”, a distinção entre Evangelho e Lei, e o Evangelho de Cristo como critério central de discernimento no interior da própria Bíblia. Palavra de Deus é o que “promove (conduz) a Cristo”. E o Espírito Santo (fé) “é a única instância capaz de promover a Cristo, isto é, levar a fé a aceitar a Cristo e sua obra salvífica”.

MANUEL BERNARDINO FILHO, da Igreja Congregacional, nos apresenta o jeito de ser de sua Igreja e sua maneira de encarar a Bíblia. Recorda-nos os princípios básicos da Reforma em relação à leitura bíblica. Algumas vezes procura relacionar por oposição princípios protestantes e princípios católicos, o que valeria a pena discutir e aprofundar. Seria muito interessante, em outro caderno, aprofundarmos os “princípios de interpretação reformada” e sua relação com o que hoje chamamos de “leitura popular da Bíblia”.

PAULO SERGIO DE PROENÇA, da Igreja Presbiteriana Independente, nos convida a ver a Reforma a partir das condições históricas de seu tempo. Segundo ele, só assim será possível aproximar-se de maneira realista – porque crítica – do discurso religioso produzido pela Reforma. É pressuposto de fidelidade. Pois todo discurso religioso sofre a tentação de pretender-se absoluto, esquecendo-se de suas origens no tempo

e no espaço. Ora, na verdade, qualquer linguagem tem sua origem necessariamente em situações muito concretas e relativas. Ressalta com muita honestidade que a leitura protestante tende a ser excludente: “liberais” excluem “fundamentalistas” e vice-versa. O desafio é reconhecer os limites e a complementariedade – até na conflitividade – de qualquer “releitura”.

ELSA TAMEZ, biblista e pastora metodista da Costa Rica, propõe-nos reler Ezequiel. Toma a tradição do Jubileu e nos convida a relê-la a partir de nossa situação concreta, como ele o fez em seu tempo. Ezequiel fala a partir do exílio do povo e de profetas deportados. De um lado, a experiência de opressão e de marginalização. De outro, a atração dos “ídeos do Império” – os grandes avanços tecnológicos de Babilônia. É difícil convencer o povo de que a realidade se pode mudar, pois tudo parece sem rumo, ou caminhando em rumo único e obrigatório, como inexorável destino. É verdade que a fonte da graça continua a jorrar e a correr como rio: é a utopia que nunca morre e renasce em nossos corações constantemente. “Mas o sonho não é suficiente se não há projetos, ações e leis concretos que se orientem por ele”. Aí está o desafio, “pergunta difícil quando se fala de utopias em tempos de esperanças vulneráveis”.

JOSÉ ADRIANO FILHO, da Igreja Presbiteriana Independente, nos sugere que Hb 11 apresenta Moisés como chave bíblica para exortar os destinatários que vivem em conflito entre Evangelho e Sociedade-poder imperial. Como discernir no concreto para permanecer sob “a reprovação de Cristo” ou acomodar-se ao Império? O modelo bíblico é claro: Moisés preferiu a vergonha, “a perda de honra e lugar na sociedade” por “solidariedade com o povo de Deus e com os seus irmãos e irmãs marginalizados”. Isso só é possível a quem “vê o invisível e o assume como fundamento de suas escolhas decisivas”.

ELSA TAMEZ volta com mais um bonito texto de meditação. Do seio de nosso atual sistema social, de domínio aparentemente absoluto

do Mercado, onde o valor do ser humano se mede por sua capacidade de *comprar* (nem mais por sua capacidade de produzir), Elsa medita sobre a perspectiva que nos abre o Apóstolo Paulo em Gálatas: Cristo se dá por nós “para livrar-nos do presente século mau”. Não se trata de livrar-nos do mundo material, nem simplesmente de nossa vida temporal e limitada, trata-se, isto sim, da libertação do sistema perverso segundo o qual o mundo está presentemente organizado – quando 225 pessoas ricas possuem o mesmo que 2,5 bilhões de pessoas pobres. Paulo nos chama à liberdade radical, aquela que nos constitui no direito de *cidadania*. E como isso é possível? O caminho está indicado: “Cristo *se entregou a si mesmo*”. Com isso, nosso mundo está invadido por uma lógica diferente da do mundo perverso, é a lógica da *graça*, da solidariedade.

Sebastião Armando Gameleira Soares